

# O Livro dos Médiuns



*Allan Kardec*

## PARTE II – CAPÍTULO XV. Médiuns Escreventes ou Psicógrafos

## Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
<b>01. Médiuns mecânicos</b>	O Livro dos Médiuns	03
<b>Médiuns mecânicos</b>	Centro Espírita Bатуíra	04
<b>02. Médiuns intuitivos</b>	O Livro dos Médiuns	05
<b>Médiuns intuitivos</b>	Centro Espírita Bатуíra	06
<b>03. Médiuns semimecânicos</b>	O Livro dos Médiuns	07
<b>Médiuns e mediunidade</b>	O Consolador	08
<b>04. Médiuns inspirados ou involuntários</b>	O Livro dos Médiuns	09
<b>O Livro dos Médiuns</b>	O Consolador	11
<b>05. Médiuns de pressentimentos</b>	O Livro dos Médiuns	12
<b>Premonição</b>	O Consolador	13

**Parte II – Das manifestações Espíritas.**

**Capítulo XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos**

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Com tanto mais afinco deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor. Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.

**I. Médiuns Mecânicos.**

179. Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve não poderá duvidar de uma ação diretamente exercida pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita por vezes com tanta violência, que escapa das mãos do médium e não raro se dirige a certas pessoas da assistência para nelas bater. Outras vezes, seus movimentos dão mostra de um sentimento afetuoso. O mesmo ocorre quando o lápis está colocado na mão do médium; frequentemente é atirado longe com força, ou, então, a mão, bem como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa de modo colérico, ainda quando o médium está possuído da maior calma e se admira de não ser senhor de si. Digamos, de passagem, que tais efeitos demonstram sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos superiores são constantemente calmos, dignos e benévolos; se não são escutados convenientemente, retiram-se e outros lhes tomam o lugar. Pode, pois, o Espírito exprimir diretamente suas idéias, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão.

Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e pára, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta; têm-se os médiuns chamados passivos ou mecânicos. É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

**Estudos**

Centro Espírita Bатуíra

**I. Médiuns mecânicos.**

**Médiuns mecânicos.**

Aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que nenhuma consciência têm do que escrevem. Muito raros.

Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve não poderá duvidar de uma ação diretamente exercida pelo Espírito sobre esses objetos.

A cesta se agita por vezes com tanta violência, que escapa das mãos do médium e não raro se dirige a certas pessoas da assistência para nelas bater.

Outras vezes, seus movimentos dão mostra de um sentimento afetoso.

O mesmo ocorre quando o lápis está colocado na mão do médium; frequentemente é atirado longe com força, ou, então, a mão, bem como a cesta, se agita convulsivamente e bate na mesa de modo colérico, ainda quando o médium está possuído da maior calma e se admira de não ser senhor de si.

Digamos, de passagem, que tais efeitos demonstram sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos superiores são constantemente calmos, dignos e benévolos; se não são escutados convenientemente, retiram-se e outros lhes tomam o lugar.

Pode, pois, o Espírito exprimir diretamente suas idéias, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão.

Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último.

Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e pára, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta; têm-se os médiuns chamados passivos ou mecânicos.

É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

## II. Médiuns Intuitivos.

180. A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou, melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o Espírito livre não se substitui à alma, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama médium intuitivo.

Mas, sendo assim, dir-se-á, nada prova seja um Espírito estranho quem escreve e não o do médium. Efetivamente, a distinção é às vezes difícil de fazer-se, porém, pode acontecer que isso pouca importância apresente. Todavia, é possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser nunca preconcebido; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e, amiúde, é contrário à idéia que antecipadamente se formara. Pode mesmo estar fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como o faria um intérprete. Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, de certo modo, para traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. Tal precisamente o papel do médium intuitivo.

**Estudos**

Centro Espírita Bатуíra

**II. Médiuns intuitivos.**

**Médiuns intuitivos.**

Analisando o médium intuitivo na psicografia Allan Kardec descreve o processo da comunicação da seguinte maneira:

A transmissão do pensamento se dá de Espírito a Espírito, isto é, o desencarnado, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia.

Atua sobre a alma (Espírito encarnado), com a qual se identifica.

A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis.

Notemos aqui uma coisa importante: é que o Espírito desencarnado não se substitui à alma, visto que não a pode deslocar.

Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade.

Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite.

Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. E o que se chama médium intuitivo.

Mas, sendo assim, pode-se dizer, nada prova seja um Espírito estranho quem escreve e não o médium.

Efetivamente, a distinção é às vezes difícil de fazer-se, porém, pode acontecer que isso pouca importância apresente.

Todavia, é possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser nunca preconcebido; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e, amiúde, é contrário à ideia que antecipadamente se formara.

Pode mesmo estar fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium.

Comparando, o papel do médium mecânico (inconsciente) é o de uma máquina; o médium intuitivo age como o faria um intérprete.

Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, de certo modo, para traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro.

Tal é precisamente o papel do médium intuitivo.

**III. Médiuns Semimecânicos.**

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

**Médiuns e mediunidade.**

105. Médiun mecânico: é aquele cuja mão recebe uma impulsão involuntária e que não tem consciência alguma do que escreve. Estes médiuns são raros.

(Livro Médiuns e Mediunidade de Cairbar Schutel, cap. XIII – Médiuns escreventes: mecânico, intuitivo, polígrafo, iletrado, poliglota.)

106. Médiun semimecânico: é aquele cuja mão anda involuntariamente, mas que tem consciência instantânea das palavras ou das frases à medida que escreve.

São os mais comuns.

(Médiuns e Mediunidade, cap. XIII – Médiuns escreventes: mecânico, intuitivo, polígrafo, iletrado, poliglota.)

111. Dissemos que a mediunidade mecânica é rara, e por isso mesmo interessantíssima. Stainton Moses foi um grande médiun mecânico.

É assim que por muito tempo ele sustentava discussões com Espíritos que escreviam pelo seu braço; enquanto ele lia um livro qualquer.

Infelizmente não tivemos ainda a felicidade de encontrar um médiun mecânico escrevente.

Já trabalhamos com um médiun mecânico-falante, que fez parte do nosso núcleo.

Encontramos também médiuns iletrados escreventes.

(Médiuns e Mediunidade, cap. XIII – Médiuns escreventes: mecânico, intuitivo, polígrafo, iletrado, poliglota.)

114. Temos encontrado diversos médiuns semimecânicos. Nesta mediunidade, embora tenha o médiun consciência do que escreve, à medida que vai escrevendo sente andar involuntariamente a sua mão.

(Médiuns e Mediunidade, cap. XIII – Médiuns escreventes: mecânico, intuitivo, polígrafo, iletrado, poliglota.)

115. Estes médiuns fazem narrações de fatos que lhes são inteiramente desconhecidos e, quando bem desenvolvidos, prestam ótimo serviço à causa da imortalidade.

Com estes intermediários dos Espíritos temos obtido muitas provas de identidade de comunicantes invisíveis.

(Médiuns e Mediunidade, cap. XIII – Médiuns escreventes: mecânico, intuitivo, polígrafo, iletrado, poliglota.)

#### IV. Médiuns inspirados ou involuntários.

182. Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas idéias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. A espontaneidade é o que, sobretudo, caracteriza o pensamento deste último gênero. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem, ou para o mal, porém, procede, principalmente, dos que querem o nosso bem e cujos conselhos muito amiúde cometemos o erro de não seguir. Ela se aplica, em todas as circunstâncias da vida, às resoluções que devemos tomar. Sob esse aspecto, pode dizer-se que todos são médiuns, porquanto não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares, a se esforçarem por sugerir aos protegidos salutares idéias. Se todos estivessem bem compenetrados desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com freqüência à inspiração do seu anjo de guarda, nos momentos em que se não sabe o que dizer, ou fazer. Que cada um, pois, o invoque com fervor e confiança, em caso de necessidade, e muito frequentemente se admirará das idéias que lhe surgem como por encanto, quer se trate de uma resolução a tomar, quer de alguma coisa a compor. Se nenhuma idéia surge, é que é preciso esperar. A prova de que a idéia que sobrevém é estranha à pessoa de quem se trate está em que, se tal idéia lhe existira na mente, essa pessoa seria senhora de, a qualquer momento, utilizá-la e não haveria razão para que ela se não manifestasse à vontade. Quem não é cego nada mais precisa fazer do que abrir os olhos, para ver quando quiser. Do mesmo modo, aquele que possui idéias próprias tem-nas sempre à disposição. Se elas não lhes vêm quando quer, é que está obrigado a buscá-las algures, que não no seu íntimo.

Também se podem incluir nesta categoria as pessoas que, sem serem dotadas de inteligência fora do comum e sem saírem do estado normal, têm relâmpagos de uma lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente desabitual facilidade de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento de coisas futuras. Nesses momentos, que com acerto se chamam de inspiração, as idéias abundam, sob um impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior nos vem ajudar e que o nosso espírito se desembaraçou de um fardo.

183. Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgam capazes, é que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as idéias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são médiuns sem o saberem. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, tão frequentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio?

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

A) Qual a causa primária da inspiração?

“O Espírito que se comunica pelo pensamento.”

B) A revelação das grandes coisas não é que constitui o objeto único da inspiração?

“Não, a inspiração se verifica, muitas vezes, com relação às mais comuns circunstâncias da vida. Por exemplo, queres ir a alguma parte: uma voz secreta te diz que não o faças, porque correrás perigo; ou, então, te diz que faças uma coisa em que não pensavas. É a inspiração. Poucas pessoas há que não tenham sido mais ou menos inspiradas em certos momentos.”

c) Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, poderiam, nos momentos de inspiração, ser considerados médiuns?

## **O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XV)**

“Sim, porquanto, nesses momentos, a alma se lhes torna mais livre e como que desprendida da matéria; recobra uma parte das suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram.”

172. Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe pelo pensamento comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados, que formam, assim, uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível. Ao inspirado é ainda mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. A espontaneidade é o que, sobretudo, caracteriza o pensamento advindo dos Espíritos.

(O Livro dos Médiuns, Item 182)

173. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem, ou para o mal; todavia, ela procede principalmente dos que querem o nosso bem e cujos conselhos muito amiúde não seguimos.

(Item 182)

174. A inspiração se verifica, muitas vezes, com relação às mais comuns circunstâncias da vida. Por exemplo: o indivíduo quer ir a algum lugar; uma voz secreta lhe diz que não vá, porque correrá perigo. É a inspiração.

(Item 183)

175. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Pode ser devido a uma espécie de dupla vista, que permite à pessoa entrever as consequências das coisas futuras, mas, muitas vezes, é também resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

(Item 184)

176. A natureza das comunicações, guarda sempre relação com a natureza do Espírito e traz o cunho da sua elevação, ou da sua inferioridade, de seu saber, ou de sua ignorância.

(Item 185)

177. Podem dividir-se os médiuns em duas grandes categorias:

a) médiuns de efeitos físicos: os que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas;

b) médiuns de efeitos intelectuais: os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes.

(Item 187)

**V. Médiuns de pressentimentos.**

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as consequências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

### Premonição

Se fizermos ligeira pesquisa sobre “premonição” encontraremos casos de pessoas que, por exemplo, sonharam com determinada situação e ela aconteceu, ou que, certa vez, quando o telefone tocou, tiveram a certeza de que era o fulano e, no final, era realmente o fulano.

A Doutrina Espírita considera esses casos como premonições? Como podemos diferenciar coincidências cotidianas de premonições verdadeiras?

**Premonição** – Consultando o dicionário vê-se que premonição é uma sensação, um sentimento, uma espécie de advertência de algo que irá (ou está para) acontecer, sem vestígios que o justificassem ou mesmo o indicassem.

Sem esforço e sem prejuízo do significado, pode-se afirmar que presciência, precognição, presságio, pressentimento, em linhas gerais, representam a mesma coisa.

Já pelo enfoque do Espiritismo, premonição seria a faculdade psíquica — espécie de mediunidade — que todos temos, em maior ou menor grau, a qual possibilita o conhecimento antecipado de fatos ou situações futuras.

A premonição ocorre em várias circunstâncias:

– pode representar um bom (ou mau) conselho de um Espírito desencarnado; obviamente, se bom, vem de um amigo; se mau, de inimigo, ou, às vezes, apenas de um zombador inconsequente, que se diverte com o medo ou euforia que provoca;

– antes de nascer, o indivíduo toma conhecimento do seu programa reencarnatório e aí, quando encarnado, conquanto brindado pela Bondade divina com o esquecimento do passado, à aproximação de fato marcante previsto naquele programa, visita-o ligeira impressão daquilo que está para acontecer;

– no sono, esse desdobramento proporciona emancipação parcial ao Espírito que, no plano espiritual, pode então se encontrar com Espíritos afins que lhe dão notícia de algo que está, de alguma forma, sendo engendrado em torno da sua existência, ou do seu círculo de parentesco ou amigos, ou no local em que reside e até mesmo relativamente ao plano terreno. Temos como exemplo dessa última hipótese as visões dos profetas, de todos os povos e em todos os tempos;

– relato o instigante caso de “premonição coletiva”, isto é, muitas pessoas tiveram a mesma visão antecipada de um acontecimento marcante na história da navegação marítima. Refiro-me, sim, ao navio “Titanic”.

Para ilustrar sonhos premonitórios, valho-me de um fragmento extraído do meu livro “Sonhos: viagens à alma”, (cap. 1 – Tipos de sonhos), editado em 2001, pela Butterfly Editora, SP/SP:

– premonitórios: de propósito, deixamos para encerrar este capítulo o fascinante e antiquíssimo “sonho humano” de interpretar os sonhos premonitórios, tidos desde sempre à conta de sobrenaturais.

O encantamento de que se revestem os sonhos premonitórios induz-nos a uma atitude de máximo respeito com os pensadores antigos, modernos e contemporâneos, que se debruçaram e se debruçam na investigação de como é que eles, os sonhos, podem acontecer.

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XV)

Uma coisa é certa: a todos aqueles pesquisadores, exclusive os que são espíritas, acometem ardentes perguntas irrespondidas, dando causa a redobradas reflexões, teses e hipóteses, sem que o consenso seja alcançado.

**Premonição e instinto** – O instinto (sublime ferramenta de sobrevivência de todos os seres vivos) responde por grande número de pressentimentos; nesse caso, a forma absolutamente autônoma como o instinto opera torna totalmente imprevisível seu mecanismo, não sendo, pois, passível de ser “administrado” (processado, desenvolvido, aumentado).

**Premonição e intuição** – Já a intuição, que tanto maior será em razão da elevação moral, também justifica e contempla o conhecimento de fatos futuros, por situar o indivíduo em sintonia mais ou menos permanente com os Espíritos evoluídos responsáveis pela realização de tarefas neste planeta.

Se me permitem, imagino que a intuição é a depuração máxima do instinto: quanto mais depuração moral, ocorrerá aumento intuitivo e decréscimo instintivo; assim, quanto mais virtuoso for o Espírito, maior será sua intuição e, inversamente, menor seu instinto.